

# Ap 19,1-8: Profetismo na liturgia

## Rev 19:1-8: *Prophetism in the liturgy*

Waldecir Gonzaga

### Resumo

Tendo presente que o texto bíblico do hino de Ap 19,1-8 é único hino *aleluiático* em toda a literatura do Novo Testamento e do I século de cristianismo, bem como levando em consideração o uso litúrgico deste hino ao longo dos séculos de tradição da Igreja, sobremaneira, em sua *Liturgia das Horas*, predominando nas II Vésperas dos Domingos do Tempo Comum e do Tempo Pascal, não invadindo apenas os Domingos do Tempo Quaresmal, é que nós queremos analisar este texto, já a partir de sua base veterotestamentária (vários Salmos e Is 61,10), e perceber o que ele tem de tão singular, a fim de entender o uso que a Igreja sempre fez dele em sua liturgia, desde o seu período nascedouro, ao longo dos séculos, até hoje. Outro dado importante, é entender o uso a partir de seu contexto litúrgico, ponto focal na transmissão da fé da Igreja, que constitui a assembleia orante, que se reúne para louvar e bendizer o Senhor da vida, ao seu amado e esposo nupcial, assumindo o profetismo na liturgia.

**Palavras-chave:** Apocalipse. Profetismo. Aleluia. Liturgia no Novo Testamento. Liturgia das Horas.

### Abstract

Bearing in mind that the biblical text of the hymn of Rev. 19:1-8 is the only *alleluiatic* hymn throughout the literature of the New Testament and of the first century of Christianity, as well as taking into account the liturgical use of this hymn over centuries of Church tradition, in his *Liturgy of the Hours*,

predominating in the Second Vespers of the Sundays of Common Time and Paschal Time, not invading only the Sundays of Lenten Time, is that we want to analyze this text, starting from its Old Testament basis (many Psalms e Is 61:10), and to perceive what it has so singular, in order to understand the use that the Church has always made of it in his liturgy, from his birth period, through the centuries, to this day. Another important point is to understand the use from its liturgical context, focal point in the transmission of the faith of the Church, which constitutes the *praying assembly*, which gathers to praise and bless the Lord of life, his beloved and bridal husband, assuming prophetism in the liturgy.

**Keywords:** Apocalypse. Prophetism. Hallelujah. Liturgy in the New Testament. Liturgy of the Hours.

## Introdução

A Igreja, também em sua *Liturgia das Horas*, desde a sua mais antiga tradição, sempre levou em consideração o fato de que o domingo é o dia da ressurreição do Senhor. Neste sentido, vale a pena recordar que a Igreja reserva o canto do “Aleluia”, desde sua mais antiga tradição, aos domingos e ao Tempo Pascal, sendo que estes são momentos privilegiados da Ressurreição de Cristo, o Senhor que venceu a morte, e a vida prorrompeu-se vitoriosamente sobre o mundo. A máxima expressão da liturgia *aleluiática*, profética e de júbilo pela vitória do bem sobre o mal, em todo o Novo Testamento e no I século da Igreja nascente, encontramos no texto bíblico de Ap 19,1-8, sendo “o único testemunho do século I”.<sup>1</sup> Tão somente nos Padres da Igreja é que iremos encontrar novamente textos *aleluiáticos* comparáveis a este de Ap 19,1-8.<sup>2</sup>

É bom recordar que toda esta tradição cristã *aleluiática*, que remonta especialmente aos Salmos que recebemos do judaísmo, devia ser de uso comum na Igreja Primitiva.<sup>3</sup> Reconhecemos a presença da expressão ἁλληλουϊά (*hallēlouia*), transliterada do hebraico הַלְלוּ-יָהּ (*hal'elû-Yah*), já nos salmos da tradição hebraica, sendo os mais conhecidos os Salmos 148,1ss e 150,1ss.

<sup>1</sup> PRIGENT, P., O Apocalipse, p. 327; VANNI, U., La struttura letteraria dell'Apocalisse, p. 164.

<sup>2</sup> PRIGENT, P., O Apocalipse, p. 327.

<sup>3</sup> VANNI, U., La struttura letteraria dell'Apocalisse, p. 164.

Nas Sagradas Escrituras, normalmente, o “aleluia” aparece como uma expressão de alegria e gozo diante de Deus pelas muitas vitórias conquistadas pelo povo de Israel, e que dali teria entrado para a Igreja Nascente, que bebeu nas fontes escriturísticas do judaísmo, a partir do texto hebraico ou do texto grego, de onde teria recebido muito mais em seus textos, visto ser a língua do Novo Testamento e dos primórdios do cristianismo. Fora dos textos dos Salmos, a expressão “aleluia” reaparece em Jr 20,13 e 31,7, na TANAK, e em Tb 13,18 e 3Mc 7,13, na LXX.

É interessante observarmos ainda que o hino *aleluiático* de Ap 19,1-8, único texto *aleluiático* de todo o Novo Testamento, entrou e impera solenemente nas *II Vésperas* de todos os *Domingos do Tempo Comum e do Tempo Pascal*, na *Liturgia das Horas*, e, por ser a máxima expressão de *louvor aleluiático*, só não invadiu as *II Vésperas dos Domingos da Quaresma*, quando e onde é substituído pelo hino de 1Pd 2,21-24, que já nos indica, pelo seu título, “Paixão voluntária de Cristo, Servo de Deus”, aquilo que é próprio deste hino e deste *período quaresmal*, em que somos convidados a fazer a experiência da Paixão e Sofrimento do Senhor, para com ele, na noite de Páscoa, poder cantar os louvores no Pregão Pascal (no início da Vigília), no Glória (após a última leitura do Antigo Testamento). Em seguida, após a leitura da carta de Paulo aos Romanos (6,3-11), cantamos o *Salmo Aleluiático* 117(118) e, finalmente, entoamos os “três Aleluias” antes da proclamação do Evangelho da ressurreição do Senhor, aclamando o Cristo ressuscitado, aquele que, rompendo as trevas e vencendo o pecado, reina triunfante sobre a morte, Ele que é o vivente e o vivificador por excelência.<sup>4</sup>

Mais ainda, eis que no hino *aleluiático* de Ap 19,1-8 o profetismo se faz presente na liturgia e a ilumina com o texto e o contexto de Is 61,10, que nos coloca uma celebração nupcial. Como diz Millos, aqui “a Igreja irrompe no panorama profético para apresentar-se como a esposa do Cordeiro, vestida com roupas própria de uma esposa preparada para seu esposo, que com Ele vai festejar o acontecimento nupcial, na ceia das bodas”.<sup>5</sup> Ainda, como afirma Prigent, ao comentar hino de Ap 19, valorizando nele a presença do profetismo:

Profetizar é deixar falar e agir em si mesmo o Espírito de Deus que anunciava, através dos profetas do Antigo Testamento, a vinda de Cristo e

<sup>4</sup> WEINRICH, W. C., *Apokalypsis*, p. 392.

<sup>5</sup> MILLOS, S. P., *Apocalipsis*, p. 1111.

seu testemunho. É, pois, antes de tudo, descobrir a visão real das antigas profecias e, a seguir, sentir-se levado a caminhar na mesma trilha destes profetas, na via do testemunho de Jesus ou, para resumir, caminhar, seguindo-o.<sup>6</sup>

## 1. Base Veterotestamentária de Ap 19,1-8

O hino *aleluiático* de Ap 19,1-8, ou, como afirma Vanni, “a grande doxologia de Ap 19,1-8”,<sup>7</sup> que muitos colocam como sendo uma perícope por si só e outros tantos como pertencendo à perícope de Ap 19,1-10,<sup>8</sup> é o único texto *aleluiático* de todo o Novo Testamento,<sup>9</sup> articulado justamente a partir da ocorrência do termo “aleluia” e que tem o seu léxico próprio, como é comum nos hinos litúrgicos da Igreja Primitiva.<sup>10</sup> Essa “grande doxologia” “inicia-se justamente com um ἀλληλουϊά impactante”.<sup>11</sup>

A expressão grega ἀλληλουϊά (*hallēlouia*), constitui uma transliteração<sup>12</sup> helenizada do hebraico הַלְלוּ-יָהּ (*halēlū-Yah*, derivação de *Hālāl* e de *Yah*, um imperativo na língua hebraica, que significa *Louvai o Senhor*),<sup>13</sup> presente na tradução grega da LXX, como encontramos nos Salmos 104,1(35); 105,1(45); 106,1(48); 111,1; 112,1; 113,1(9); 114,1; 115,1(18); 116,1(19); 117,1(2); 118,1; 134,1; 135,1(3.21); 146,1(10); 147,1(20); 148,1(2.3.4.5.7.13.14); 149,1(3.9); 150,1.6(2.3.4.5.6), conhecidos como o grande *Hallel*<sup>14</sup> (por exemplo, os Salmos 113 a 118), por causa da ocorrência da expressão no início e no fim, como temos no *Hallel* final (Salmos 146 a 150),<sup>15</sup> ocupando “também um lugar especial na vida cultural de Israel, expressando alegria festiva..., tornou-se uma exclamação de alegria no Senhor no mundo judaico”.<sup>16</sup> Porém, não se sabe se se trata de “uma fórmula introdutória ou

<sup>6</sup> COTHENET, E.; DUSSAUT, L.; LE FORT, P.; PRIGENT, P., Os escritos de São João e a Epístola aos Hebreus, p. 265.

<sup>7</sup> VANNI, U., La struttura letteraria dell'Apocalisse, p. 164.

<sup>8</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1019.

<sup>9</sup> SCHLIER, H., ἀλληλουϊά, p. 708; VANNI, U., La struttura letteraria dell'Apocalisse, p. 164.

<sup>10</sup> NUSCA, A. R., Liturgia e Apocalisse, p. 468.

<sup>11</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1112.

<sup>12</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1024-1025; SCHLIER, H., ἀλληλουϊά, p. 707-708.

<sup>13</sup> KOESTER, G. R., Revelation, p. 726.

<sup>14</sup> KISTEMAKER, S., Apocalipse, p. 661.

<sup>15</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1024.

<sup>16</sup> OSBORNE, G., Apocalipse, p. 743.

conclusiva”,<sup>17</sup> ainda que textos bíblicos ou extrabíblicos nos façam pensar nessa possibilidade. Os versículos aqui indicados entre parênteses, ao lado do texto da LXX, são aqueles outros versículos do texto hebraico, em que aparece a expressão *הַלְלוּ-יָהּ* (*hal’lû-Yah*), mas que na tradução grega não foi transliterado para *ἀλληλουιά*.

Assim como o Saltério hebraico, no Antigo Testamento, com o *הַלְלוּ-יָהּ* (*hal’lû-Yah*), coloca o povo louvando a Deus, o hino de Ap 19,1-8, no Novo Testamento, coloca os redimidos de Deus cantando os louvores da vitória de Deus com o *ἀλληλουιά* (*hallēlouia*). Esta expressão denota alegria e gozo diante de Deus pelas muitas vitórias conquistadas pelo povo de Israel, e que dali teria entrado para a Igreja Nascente, que bebeu nas fontes escriturísticas do judaísmo, seja a partir do texto hebraico (TANAK) seja a partir do texto grego (LXX), de onde os textos do Novo Testamento e os primórdios do cristianismo beberam como fonte, como aconteceu com os Padres da Igreja, quer orientais quer ocidentais.

Fora dos textos dos Salmos, a expressão “*ἀλληλουιά*” reaparece em Jr 20,13 e 31,7, no texto hebraico (TANAK), e em Tb 13,18 e em 3Mc 7,13, no texto grego (LXX). Porém, de fato, o predomínio no Antigo Testamento se dá no livro dos Salmos, sendo que dois dos Salmos hebraicos têm uma ocorrência realmente forte, como que um “refrão” que vai demarcando a solenidade. São eles: Sl 148,1.2.3.4.5.7.13.14 e 150,1.2.3.4.5.6. Ou, no dizer de Prigent: “um responso antifonado”,<sup>18</sup> que eleva a Deus um louvor pelo julgamento e vitória sobre a “Grande Prostituta”, suscitando contínuos “cânticos de louvor”,<sup>19</sup> pois não se trata de “mera repetição e sim de uma espécie de ‘bis’”.<sup>20</sup> Mas o curioso é que a transliteração não aparece na tradução da LXX, que coloca apenas para Sl 148,1 e para Sl 150,1.6. Mas nem sequer na tradução para o português o “aleluia” se repete tantas vezes, pois após a primeira ocorrência do “aleluia”, as traduções preferem traduzir com o imperativo do verbo louvar: “louvai”, louvores que são dirigidos aos céus. Segundo Alonso Schökel-Carniti, “o Salmo 148 é um hino. Mereceria ser o penúltimo do saltério, deixando o lugar final somente a um encerramento de toda a orquestra (Sl 150)”.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> SCHLIER, H., *ἀλληλουιά*, p. 707; BIGUZZI, G., *Apocalisse*, p. 333.

<sup>18</sup> PRIGENT, P., *O Apocalipse*, p. 328.

<sup>19</sup> WEINRICH, W. C., *Apokalypsis*, p. 391.

<sup>20</sup> MOUNCE, R. H., *Apocalisse*, p. 461.

<sup>21</sup> ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C., *Salmos II (Salmos 73-150)*, p. 1654.

Ao comentarem o Sl 150, Alonso Schökel-Carniti afirmam que “o Saltério conclui com um hino a toda orquestra [...]. O motivo do louvor é a grandeza e as manifestações de seu poder. Uma ligeira preferência pelo forte e pelo poderoso”.<sup>22</sup> Podemos dizer que aqui acontece uma sintonia entre o homem, que é capaz estar na presença de Deus, e o som musical de todos os seus instrumentos, que o ajuda nos “embalos de louvor” na presença do Senhor da Criação. Eis que se encontram Criador e criatura numa única liturgia, num único e harmonioso louvor, que projeta a ambos no ambiente próprio da liturgia celeste, a qual celebra o triunfo final da obra da criação.

Ravasi, ao comentar o Sl 148, tendo em vista a ocorrência da expressão “Louvai o Senhor”, afirma que nos encontramos diante de “uma colossal coreografia cósmica”<sup>23</sup> desfilando diante do Criador. Ele fala de uma sinfonia que, em plena harmonia, louva o seu Senhor Criador, em uma atmosfera envolvente e empolgante, tendo em vista os grandes feitos do Senhor. É o Salmista que, chamando a todos pelo nome, “coloca em ordem todos os seres”<sup>24</sup> neste harmonioso louvor a Deus, a partir de toda a obra da criação. Mais poético ainda é o comentário que Ravasi tece em relação ao Sl 150, quando diz que “a última lírica do Saltério é uma festiva, solene, musical doxologia no qual o aleluia parece quase não apagar-se nunca em uma espiral parecida ao exultante *Hallelujah* do Messias de Handel”.<sup>25</sup>

O ritmo do hino litúrgico é tão harmonioso e bem demarcado, que parece que há uma única respiração, comum e autêntica, de plena harmonia, cujo grande autor e executor é Deus mesmo<sup>26</sup> e cuja melodia tem o ritmo do coração amoroso do criador que dialoga com a criatura e da criatura que se deleita e se encanta com seu criador, e vice e versa. Aqui há amorosa cumplicidade numa única e mesma liturgia, capaz de denúncia e de anúncio, capaz de permanecer na terra e de antecipar os céus, capaz de assumir o profetismo e toda a tradição judaica na ação litúrgica, que num envolvimento crescente vai aos céus e eleva o homem, denuncia as injustiças humanas e exalta a justiça divina, como que numa “explosão de louvor”,<sup>27</sup> pois a justiça de Deus entrou em

<sup>22</sup> ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C., Salmos II (Salmos 73-150), p. 1668.

<sup>23</sup> RAVASI, G., Il Libro dei Salmi, p. 963.

<sup>24</sup> RAVASI, G., Il Libro dei Salmi, p. 963.

<sup>25</sup> RAVASI, G., Il Libro dei Salmi, p. 997.

<sup>26</sup> ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C., Salmos II (Salmos 73-150), p. 1668.

<sup>27</sup> MOUNCE, R. H., Apocalisse, p. 460.

curso. Se o mal ia crescendo, eis que o hino agora proclama a vitória do bem, com o “Grande Aleluia”.<sup>28</sup> Neste sentido, como bem expressa Nusca, os hinos trazem um vocabulário próprio, que “funcionam como resposta a uma ação de Deus”.<sup>29</sup>

Interessante ainda é perceber como a liturgia cristã, desde seus primórdios, assumiu do profetismo veterotestamentário a teologia matrimonial entre Deus e seu povo: “a metáfora do matrimônio exprime a relação entre Deus e o seu povo apoia suas raízes na literatura profética do Antigo Testamento. Deus tinha dito a Israel, ‘Eu te esposarei a mim para a eternidade’ (Os 2,19)”,<sup>30</sup> ideia esta que foi sendo amadurecida mais ainda no período do Exílio, com Israel “levado a um amor eterno” (Is 54,4-8). Portier-Young defende que, já no judaísmo anterior a Cristo, o gênero apocalipse, assim como o profetismo, indicava um tipo de resistência “contra o Império” diante de uma opressão, como aquela que temos no período das Guerras Macabaicas, ou aquelas que nos são transmitidas pelo livro canônico de Daniel, pelo texto apócrifo de Enoque, e outros tantos textos extrabíblicos.<sup>31</sup>

Outro texto veterotestamentário que está presente neste hino de Ap 19,1-8, é o do profeta Is 61,10, que ecoa os termos associados ao banquete do casamento, ao afirmar: “Transbordo de alegria no Senhor, a minha alma se rejubila no meu Deus, porque ele me vestiu com vestes de salvação, envolveu-me com um manto de justiça, como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se adorna com as suas jóias”. Este texto, pertencente ao Trito-Isaías, faz parte de um conjunto de palavras enviadas para consolar os aflitos de Sião (Is 61,4-11), que precisam reconstruir-se como povo e precisam reencontrar a honra perdida no Exílio Babilônico. Isso apenas Deus pode fazer e “a essa ação de Deus responde o louvor daqueles que experimentaram a salvação (v.10)”.<sup>32</sup>

O texto de Is 61,10 entra aqui no hino de Ap 19,1-8, justamente porque ele é um hino que expressa a alegria, como que “um refrão da comunidade que acolhe a mensagem de salvação”.<sup>33</sup> Assim como em Ap 19,1-8, em Is 61,10 também é a comunidade que canta a seu Senhor e

<sup>28</sup> PIKAZA IBARRONDO, X., *Apocalipsis*, p. 217.

<sup>29</sup> NUSCA, A. R., *Liturgia e Apocalisse*, p. 464.

<sup>30</sup> MOUNCE, R. H., *Apocalisse*, p. 466; AUNE, D., *Revelation 17-22*, p. 1029-1030.

<sup>31</sup> PORTIER-YOUNG, A. E., *Apocalipsis*, p. 357-554.

<sup>32</sup> WESTERMANN, C., *Isaia. Capitoli 40-66*, p. 440.

<sup>33</sup> WESTERMANN, C., *Isaia. Capitoli 40-66*, p. 442.

criador, igualmente empregando o uso de imperativos, intercalando “entre anúncio de salvação e hino de resposta por parte da comunidade”,<sup>34</sup> até que se chegue a uma plena sintonia entre a terra e o céu, pois a criação está sendo refeita segundo os designios de seu criador, não obstante toda a dor passada na humilhação do Exílio.

Eis que o profetismo invade a liturgia, pois é o Senhor mesmo quem tira Israel de seu sofrimento, celebrando núpcias com seu povo, como vemos constantemente nos profetas do Antigo Testamento (Is 49; 54; 61; Os 2; Ez 16, e muitos outros textos do Antigo Testamento).<sup>35</sup> O povo, por sua vez, prepara-se e se enfeita para este momento sublime, para poder estar à altura de seu amado. Por isso, suas vestes e adornos são de salvação, seu diadema e suas joias são de justiça, que se encontram no próprio Deus: “o louvor surge ao ver a justiça de Deus, uma justiça perfeita”.<sup>36</sup> Na opinião de Prigent, essas núpcias do Cordeiro parecem ser uma “alegoria das núpcias messiânicas”,<sup>37</sup> como encontramos no Sl 54, podendo indicar as núpcias escatológicas, bem como a ideia do banquete nupcial.<sup>38</sup> Mas para chegar até este ponto, suas vestes já foram preparadas com antecedência e agora atinge seu coroamento.<sup>39</sup>

## 2. Análise de Ap 19,1-8

O texto do hino de Ap 19,1-8 forma uma unidade literária marcada pela ocorrência do termo “ἀλληλουῖά”. Este hino pode ser dividido em duas partes: vv. 1-4 e 5-8, com o cântico celeste e o cântico terrestre. Mas este mesmo texto pode ser subdividido em três partes (19,1-3.4-5.6-8), sendo que os vv. 3-4 servem de passagem de um hino para o outro, parte conclusiva de um e abertura de outro. A perícope, porém, pode ser alongada até os vv. 9-10, com o convite para participar das núpcias do Cordeiro, já que Ap 19,11-21 temos uma nova unidade.<sup>40</sup>

<sup>34</sup> WESTERMANN, C., Isaia. Capitoli 40-66, p. 442.

<sup>35</sup> KOESTER, G. R., Revelation, p. 730.

<sup>36</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1116.

<sup>37</sup> PRIGENT, P., O Apocalipse, p. 332.

<sup>38</sup> KOESTER, G. R., Revelation, p. 729.

<sup>39</sup> VANNI, U., L'Apocalisse, ermeneutica, esegesi, teologia, p. 378.

<sup>40</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1019-1021.



Semelhantemente ao que temos em Ap 7,1-17 e 14,1-13, com o hino cantado pelos 144 mil que estão com o Cordeiro sobre o monte Sião, também aqui em Ap 19,1-8 nós temos um hino profético cantado em virtude de uma vitória e de um triunfo sobre a “Babilônia”. Se antes os cantores eram os justos mártires da antiga economia, agora são os anjos e o novo povo de Deus, da nova economia, que atuam no *mysterium salutis*, participando ativamente da liturgia,<sup>41</sup> “invertendo a direção normal do culto que vai dos anjos aos seres humanos”.<sup>42</sup> A parte introdutória de ambos os textos parece ser bastante semelhante também: “ouvi uma voz que vinha do céu” (Ap 14,1-2 e 19,1-2). E aqui, como bem nos recorda Corsini: “num autor como João, nem a coincidência nem a omissão são frutos do acaso”<sup>43</sup> e é isso que analisaremos aqui.

Foquemos nosso olhar no quadro adiante, com o texto na língua original grega, com a versão latina, com uma tradução portuguesa literal, a partir do texto grego, e com o texto que temos na *Liturgia das Horas*, também em português, que faz seus recortes e apresenta apenas uma parte do texto, mas repete e reforça o “aleluia”, como um “grande refrão” que vai ampliando ainda mais o louvor de Deus, demarcando o “início e o final de muitos salmos”,<sup>44</sup> como se este fosse sendo colocando num processo crescente de louvor até atingir seu ponto alto, no louvor pelas núpcias do Cordeiro, que “faz pensar a uma conclusão definitiva, agora atingida e realizada”<sup>45</sup> ou no Cordeiro “como o ponto de chegada de todo o desenvolvimento da toda a história da salvação”.<sup>46</sup> O que se vê, de imediato, é que toda a seção *aleluiática* alcança o seu ápice com o júbilo profético entoado pelos dois coros que fazem parte do cenário deste canto do “ἀλληλουϊά”. Para tanto é que o autor do Apocalipse toma o texto veterotestamentário de Is 61,10, para celebrar a núpcias de vitoriosas com o Cordeiro-Esposo e a Igreja-Esposa.

<sup>41</sup> PRIGENT, P., O Apocalipse, p. 326.

<sup>42</sup> PIKAZA IBARRONDO, X., Apocalipsis, Visión de un mundo justo, p. 217.

<sup>43</sup> CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 334.

<sup>44</sup> PIKAZA IBARRONDO, X., Apocalipsis, p. 217.

<sup>45</sup> VANNI, U., La struttura letteraria dell’Apocalisse, p. 166.

<sup>46</sup> VANNI, U., L’Apocalisse, ermeneutica, esegesi, teologia, p. 378.

**Quadro comparativo do hino de Ap 19,1-8 com o texto  
da Liturgia das Horas (Ap 19,1-2.5-7)**

Texto Grego de NA <sup>28</sup>	Nova Vulgata	Tradução literal	Liturgia das Horas
<p><b>19,<sup>1</sup></b> Μετὰ ταῦτα ἤκουσα ὡς φωνὴν μεγάλην ὄχλου πολλοῦ ἐν τῷ οὐρανῷ λεγόντων· <b>ἀλληλουϊά</b>· ἡ σωτηρία καὶ ἡ δόξα καὶ ἡ δύναμις τοῦ θεοῦ ἡμῶν,</p> <p><sup>2</sup> ὅτι ἀληθινὰ καὶ δίκαια αἱ κρίσεις αὐτοῦ· ὅτι ἐκρίνεν τὴν πόρνην τὴν μεγάλην ἣτις ἔφθειρεν τὴν γῆν ἐν τῇ πορνείᾳ αὐτῆς, καὶ ἐξεδίκησεν τὸ αἷμα τῶν δούλων αὐτοῦ ἐκ χειρὸς αὐτῆς.</p> <p><sup>3</sup> καὶ δεύτερον εἶρηκαν· <b>ἀλληλουϊά</b>· καὶ ὁ καπνὸς αὐτῆς ἀναβαίνει εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.</p> <p><sup>4</sup> καὶ ἔπεσαν οἱ πρεσβύτεροι οἱ εἴκοσι τέσσαρες καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα καὶ προσεκύνησαν τῷ θεῷ τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ λέγοντες· <b>ἀμήν ἀλληλουϊά</b>,</p>	<p><b>19,<sup>1</sup></b> Post haec audiui quasi vocem magnam turbae multae in caelo dicentium: “<b>Alleluia!</b> Salus et gloria et virtus Deo nostro,</p> <p><sup>2</sup> quia vera et iusta iudicia eius; quia iudicavit de meretrice magna, quae corrumpit terram in prostitutione sua, et vindicavit sanguinem servorum suorum de manibus eius!”.</p> <p><sup>3</sup> Et iterum dixerunt: “<b>Alleluia!</b> Et fumus eius ascendit in saecula saeculorum!”.</p> <p><sup>4</sup> Et ceciderunt seniores viginti quattuor et quattuor animalia et adoraverunt Deum sedentem super thronum dicentes: “<b>Amen. Alleluia</b>”.</p>	<p><b>19,<sup>1</sup></b> Depois destas coisas, ouvi como que uma grande voz de numerosa multidão no céu dizendo: “<b>Alleluia!</b>” <sup>1b</sup>A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus, <sup>2</sup>porque os seus julgamentos são verdadeiros e justos. Porque Ele julgou a grande Prostituta, que corrompeu a terra com a sua prostituição, e nela vingou o sangue dos seus servos da mão dela!”</p> <p><sup>3</sup>Uma segunda vez disseram: “<b>Alleluia!</b> Dela sobe a fumaça pelos séculos dos séculos!”</p> <p><sup>4</sup>E os vinte e quatro Anciãos e os quatro Seres viventes se prostraram e adoraram a Deus que está sentado no trono, dizendo: “<b>Amém, Alleluia!</b>”</p>	<p><b>Aleluia, (Aleluia!)</b></p> <p><sup>1b</sup>Ao nosso Deus a salvação, / honra, glória e poder! (Aleluia!)/</p> <p><sup>2a</sup>Pois são verdade e justiça / os juízos do Senhor.</p> <p><b>Aleluia, (Aleluia!)/ Aleluia, (Aleluia!)</b></p>

<p><sup>5</sup> Καὶ φωνὴ ἀπὸ τοῦ θρόνου ἐξῆλθεν λέγουσα· αἰνεῖτε τῷ θεῷ ἡμῶν πάντες οἱ δοῦλοι αὐτοῦ [καὶ] οἱ φοβούμενοι αὐτόν, οἱ μικροὶ καὶ οἱ μεγάλοι.</p> <p><sup>6</sup> Καὶ ἤκουσα ὡς φωνὴν ὄχλου πολλοῦ καὶ ὡς φωνὴν ὑδάτων πολλῶν καὶ ὡς φωνὴν βροντῶν ἰσχυρῶν λεγόντων· <b>ἁλληλουϊά</b>, ὅτι ἐβασίλευσεν κύριος ὁ θεὸς [ἡμῶν] ὁ παντοκράτωρ.</p> <p><sup>7</sup> χαίρωμεν καὶ ἀγαλλιῶμεν καὶ δώσωμεν τὴν δόξαν αὐτῷ, ὅτι ἦλθεν ὁ γάμος τοῦ ἀρνίου καὶ ἡ γυνὴ αὐτοῦ ἡτοίμασεν ἑαυτήν</p> <p><sup>8</sup> καὶ ἐδόθη αὐτῇ ἵνα περιβάληται βύσσινον λαμπρὸν καθαρὸν· τὸ γὰρ βύσσινον τὰ δικαιώματα τῶν ἁγίων ἐστίν.</p>	<p><sup>5</sup> Et vox de throno exivit dicens: “Laudem dicite Deo nostro, omnes servi eius et qui timetis eum, pusilli et magni!”.</p> <p><sup>6</sup> Et audiui quasi vocem turbae magnae et sicut vocem aquarum multarum et sicut vocem tonitruum magnorum dicentium: “<b>Alleluia</b>, quoniam regnavit Dominus, Deus noster omnipotens.</p> <p><sup>7</sup> Gaudeamus et exultemus et demus gloriam ei, quia venerunt nuptiae Agni, et uxor eius praeparavit se.</p> <p><sup>8</sup> Et datum est illi, ut cooperiat se byssino splendenti mundo: byssinum enim iustificationes sunt sanctorum”.</p>	<p><sup>5</sup> E uma voz saiu do trono dizendo: <sup>5b</sup> “Louvai ao nosso Deus, todos os seus servos, e vós <i>que temeis a ele, os pequenos e os grandes!</i>”</p> <p><sup>6</sup> E ouvi como que uma voz de numerosa multidão, como barulho de muitas águas e como voz de fortes trovões, dizendo: “<b>Aleluia!</b>”</p> <p><sup>6b</sup> Porque o Senhor e nosso Deus Onipotente passou a reinar!</p> <p><sup>7</sup> Alegremo-nos e exultemos, demos a glória a Ele, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e a sua esposa já está pronta:</p> <p><sup>8</sup> e foi-lhe dado vestir-se com linho fino, brilhante e puro - pois o linho fino representa a conduta justa dos santos.</p>	<p><sup>5b</sup> Celebrai o nosso Deus, / servidores do Senhor! (Aleluia!)/ E vós todos que o temeis, / vós os grandes e os pequenos!</p> <p><b>Aleluia</b>, (Aleluia!) / <b>Aleluia</b>, (Aleluia!)</p> <p><sup>6b</sup> De seu reino tomou posse / nosso Deus onipotente! (Aleluia!)</p> <p><sup>7a</sup> Exultemos de alegria,/ demos glória ao nosso Deus! <b>Aleluia</b>, (Aleluia!) / <b>Aleluia</b>, (Aleluia!)</p> <p><sup>7b</sup> Eis que as núpcias do Cordeiro / redivivo se aproximam! (Aleluia) / Sua Esposa se enfeitou./</p> <p><sup>8a</sup> se vestiu de linho puro <b>Aleluia</b>, (Aleluia!)</p>
--	---	---	--

Enquanto a antífona *aleluiática* é entoada pelo coro celeste (Ap 19,1-4), com uma numerosa multidão do céu (ὄχλου πολλοῦ ἐν τῷ οὐρανῷ), pelos 24 anciãos (οἱ πρεσβύτεροι οἱ εἴκοσι τέσσαρες) e os 4 seres viventes (καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα), o que se proclama é a justiça e o justo juízo de Deus na terra.<sup>47</sup> Enquanto isso, como encontramos em Ap 17 e 18, o segundo hino,

<sup>47</sup> WEINRICH, W. C., Apokalypsis, p. 392.

cantado pela grande multidão da terra (Ap 19,5-8) explode de alegria pela possibilidade de participar das bodas do Cordeiro, que vai ser o tema dos últimos capítulos desse livro (Ap 20 – 22), concluindo com as núpcias na Jerusalém celeste.

O hino tem toda uma “retórica profética”,<sup>48</sup> própria do livro do Apocalipse, no qual encontramos o culto e o louvor a serviço da vida e das “transformações éticas”,<sup>49</sup> pois o que cada coro faz é entoar um canto de ação de graças solenizado pelo “ἀλληλουϊά”,<sup>50</sup> que já se inicia de uma forma solene e impactante, com a primeira ocorrência do “aleluia”, e vai se repetindo (19,1.3.4.6), em resposta à *actio Dei*.<sup>51</sup> Logo em seguida, o louvor vai apresentando as “perfeições” próprias da vitória de Deus: a salvação, a glória e o poder,<sup>52</sup> que constituem o primeiro motivo da alegria deste grande louvor do Novo Testamento,<sup>53</sup> sendo que o segundo motivo é o fato de que, após todas as injustiças sofridas, finalmente chegou o momento das núpcias com o Cordeiro.<sup>54</sup>

O hino se encerra com as núpcias do Cordeiro e se abre para a bem-aventurança em relação aos convidados para as núpcias, no v.9: “A seguir, disse-me: Escreve: felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro”, sendo esta a quarta ocorrência das sete bem-aventuranças no livro do Apocalipse (1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7.14). Esta última parte, Ap 19,6ss, que poderíamos chamar de hino matrimonial, pois celebra as núpcias entre o Cordeiro-Esposo e a Igreja-Esposa, é o último hino que temos em todo o Novo Testamento. Como afirma Cuadrado, o grande esperado no livro do Apocalipse é o Cordeiro, que é Cristo, e quando ele chega, é sinal da vinda mesma de Deus.<sup>55</sup>

Se os capítulos 17 e 18 de Apocalipse trazem suas *liturgias de lamentos*, o texto de Ap 19,1-8, traz uma *liturgia de salvação*,<sup>56</sup> com um “canto universal”<sup>57</sup>

<sup>48</sup> FIORENZA, E. S., Apocalipsis, p. 142.

<sup>49</sup> FIORENZA, E. S., Apocalipsis, p. 142.

<sup>50</sup> SCHICK, E., O Apocalipse, p. 229.

<sup>51</sup> NUSCA, A. R., Liturgia e Apocalisse, p. 464.

<sup>52</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1112.

<sup>53</sup> OSBORNE, G., Apocalipse, p. 743.

<sup>54</sup> OSBORNE, G., Apocalipse, p. 752.

<sup>55</sup> CUADRADO, J. F. T., Stilizzazione liturgica della venuta di Cristo nell'Apocalisse, p. 483-486.

<sup>56</sup> BIGUZZI, G., Apocalisse, p. 333.

<sup>57</sup> PIKAZA IBARRONDO, X., Apocalipsis, p. 215.

entre os seres celestes e os terrestres, quando Deus demonstra seu amor pelos seus filhos,<sup>58</sup> um hino de triunfo que surge da alegria festiva pela queda de “Babilônia”,<sup>59</sup> em resposta a todo o caminho iniciado em Ap 17 e 18.<sup>60</sup>

Este hino de Ap 19,1-8, subdividido em suas três partes (vv. 1-3.4-5.6-8), segundo Meynet “tem uma organização em modo concêntrico e as partes extremas estão mais desenvolvidas que a parte central”,<sup>61</sup> que serve de passagem para as extremas. Se nos extremos temos o anúncio de que a voz é ouvida (vv.2 e 6), na parte central (vv.4-5), temos a prostração e a conclusão litúrgica, com um “ἀμὴν ἀλληλουιά / *Amém, Aleluia*”, indicando um “triunfo integral”,<sup>62</sup> concluindo a primeira parte do hino,<sup>63</sup> tendo como sujeitos da ação “οἱ πρεσβύτεροι οἱ εἴκοσι τέσσαρες καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα / *os vinte e quatro anciãos e os quatro viventes*” que louvam a Deus,<sup>64</sup> entrando no louvor da grande multidão.<sup>65</sup> Estes mesmos vinte e quatro anciãos já foram mencionados antes, em Ap 4,4.10; 5,8.11.14; 7,11; 11,16 e 14,3.

A voz que sai do trono não pode ser de Deus, visto que ela convida a todos para que louvem a Deus, e nem sequer do Cordeiro. Na opinião de Meynet, essa voz pode perfeitamente ser “a voz do Cordeiro, cujas núpcias serão celebradas na última parte”.<sup>66</sup> Segundo Ladd, a voz “deve ser a voz de um dos quatro seres viventes, que estão mais perto do trono”,<sup>67</sup> ideia igualmente defendida por Biguzzi,<sup>68</sup> enquanto que para Pohl, talvez possa ser a voz de um servo que estivesse por perto do trono, “nos degraus conduzindo a liturgia celestial, convidando agora a um novo grupo a aderir ao aleluia”.<sup>69</sup>

Esta liturgia, assumindo o profetismo, coloca uma oposição<sup>70</sup> entre “τὴν

<sup>58</sup> PIKAZA IBARRONDO, X., Apocalipsis, p. 217.

<sup>59</sup> CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 332.

<sup>60</sup> MOUNCE, R. H., Apocalisse, p. 459.

<sup>61</sup> MEYNET, R., La Dossologia dell’Alleluia (Ap 19,1-8), p. 586 e 595, com estruturação segundo os critérios da Retórica Bíblica Semítica.

<sup>62</sup> LADD, G., Apocalipse, p. 181

<sup>63</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1027.

<sup>64</sup> MEYNET, R., La Dossologia dell’Alleluia (Ap 19,1-8), p. 588.

<sup>65</sup> CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 333.

<sup>66</sup> MEYNET, R., La Dossologia dell’Alleluia (Ap 19,1-8), p. 586.

<sup>67</sup> LADD, G., Apocalipse, p. 181.

<sup>68</sup> BIGUZZI, G., Apocalisse, p. 334.

<sup>69</sup> POHL, A., Apocalipse de João II, p. 206.

<sup>70</sup> VANNI, U., L’Apocalisse, teologia, p. 378.

πόρνην τὴν μεγάλην / *a grande prostituta*” (v.2) e “ἡ γυνή / *a esposa*” (v.7), sendo que a fumaça da prostituta (v.3) se opõe à glória de Deus (v.1), mas isso não impede que se profetize a destruição de “Babilônia” e se anuncie a inauguração do reino messiânico,<sup>71</sup> indicando a “esposa” como “a imagem oposta à prostituta Babilônia”.<sup>72</sup>

O tema da “grande prostituta” já tinha aparecido em Ap 17,1, sendo chamada, em seguida, de “Babilônia, a Grande”. Neste sentido, a concentração do mal é colocada sobre esta “Babilônia”<sup>73</sup> e “ἡ πόρνη / *a prostituta*” é a causadora do mal que corrompe o mundo,<sup>74</sup> que, por sua vez, provoca o juízo de Deus, como resposta às súplicas de justiça de seu povo.<sup>75</sup> Este “contraste”<sup>76</sup> entre a prostituta e a esposa já é colocado desde Ap 17,8-18, quando, inclusive, afirma que a prostituta ficará “despojada e nua” (Ap 17,16), enquanto que Ap 19,8 afirma que a esposa vestirá “linho fino, brilhante e puro”, contrates este colocado entre a prostituta e os coros que entoam este hino *aleluiático*.<sup>77</sup> Porém, agora este contrato é definitivo,<sup>78</sup> a prostituta é destruída e a esposa é levada às núpcias com o Cordeiro.

A ocorrência da expressão hebraica “ἀλληλουιά / *aleluia*”, aparece quatro vezes neste hino (19,1.3.4.6). É algo que chama a nossa atenção, visto que não aparece em nenhum outro lugar no Novo Testamento, mas apenas aqui em Ap 19,1-8. Mas é interessante que a expressão “aleluia” não invada as núpcias do Cordeiro. Agora a esposa, sendo “uma referência simbólica da Igreja”,<sup>79</sup> encontra-se diante do esposo, toda enfeitada para as festas nupciais e é aqui que o texto do profeta Isaías (61,10) entra para indicar em que condições a esposa deve apresentar-se diante do esposo: “vestida com linho fino, brilhante e puro - pois o linho fino representa a conduta justa dos santos” (v.8), haja vista suas boas obras e virtudes.<sup>80</sup> Aliás, como afirma

<sup>71</sup> CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 333.

<sup>72</sup> POHL, A., Apocalipse de João II, p. 208.

<sup>73</sup> VANNI, U., Apocalisse, p. 117

<sup>74</sup> SCHICK, E., O Apocalipse, p. 230.

<sup>75</sup> OSBORNE, G., Apocalipse, p. 744.

<sup>76</sup> KISTEMAKER, S., Apocalipse, p. 670.

<sup>77</sup> KOESTER, G. R., Revelation, p. 726.

<sup>78</sup> OSBORNE, G., Apocalipse, p. 752.

<sup>79</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1129. Aliás, esta é uma opinião comum entre os comentadores do Apocalipse, que sustentam que a esposa, aqui neste matrimônio, é a Igreja, como lemos em MOUNCE, R. H., Apocalisse, p. 465.

<sup>80</sup> WEINRICH, W. C., Apokalypsis, p. 397-398.

Millos, “a santidade não é uma opção, mais sim o princípio de vida para o crente”.<sup>81</sup>

Se a primeira, a segunda e a quarta ocorrências da palavra “aleluia” são simples, trazendo apenas a expressão “ἀλληλουϊά” (Ap 19,1.3.6), a terceira vez apresenta uma forma composta “ἁμὴν ἀλληλουϊά” (Ap 19,6). Aqui há uma junção da palavra “ἁμὴν”, que significa “assim seja”, com a palavra “ἀλληλουϊά”, que reforça ainda mais o louvor a Deus, como que indicando uma ação continuada na ação de louvar,<sup>82</sup> tendo sempre presente que esta liturgia acontece como resposta aos *magnalia Dei* em favor de seu povo.<sup>83</sup> Aliás, em Ap 19,6, o quarto ἀλληλουϊά vai reforçar ainda mais porque se louva a Deus: porque Ele passou a reinar (ἐβασίλευσεν). Seus qualificativos são: ele é Senhor (ὁ κύριος), ele é Deus (ὁ θεός) e o Todo poderoso (ὁ παντοκράτωρ). Se as três ocorrências anteriores (Ap 19,1.3.4) estavam voltadas para a celebração da destruição e queda de “Babilônia”, anunciada em Ap 18, a quarta ocorrência do “aleluia” está voltada para o futuro, “antecipando a chegada das núpcias do Cordeiro”.<sup>84</sup>

Segundo U. Vanni, “encontramos em Ap 19,1-8 um cântico que se impõe e chama a atenção, que envolve e arrasta”.<sup>85</sup> O próprio refrão *aleluiático* é algo envolvente e que leva a um entusiasmo realmente muito grande, visto que começa no céu, envolve a terra e volta novamente para o céu, com “as núpcias escatológicas do Cristo-Cordeiro”.<sup>86</sup> Aliás, toda esta liturgia conta com o envolvimento de toda a Igreja, mas como sendo uma única e mesma *communitas Dei*, sendo uma liturgia eclesial e não individual.<sup>87</sup> Se a destruição de “Babilônia” é o motivo do primeiro júbilo, agora o motivo do segundo júbilo é justamente o fato de que “é chegada a hora das ‘bodas do Cordeiro’, que depois serão descritas detalhadamente (21,9s)”.<sup>88</sup> Não é difícil perceber o motivo do louvor, visto que cada motivação é introduzida por um “porque” (ὅτι), que vai delimitando também a estrutura do hino.<sup>89</sup>

<sup>81</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1130.

<sup>82</sup> MILLOS, S. P., Apocalipsis, p. 1122.

<sup>83</sup> NUSCA, A. R., Liturgia e Apocalisse, p. 468.

<sup>84</sup> MOUNCE, R. H., Apocalisse, p. 465.

<sup>85</sup> VANNI, U., Apocalisse, p. 116.

<sup>86</sup> VANNI, U., Apocalisse, p. 116.

<sup>87</sup> NUSCA, A. R., Liturgia e Apocalisse, p. 471.

<sup>88</sup> SCHICK, E., O Apocalipse, p. 231.

<sup>89</sup> MEYNET, R., La Dossologia dell’Alleluia (Ap 19,1-8), p. 590.

Olhando para este hino *aleluiático*, Mazzarolo afirma que se trata de um hino de vitória do Cristo-Cordeiro sobre a corrupção e a sedução do mal.<sup>90</sup> Aqui o grito profético se faz ainda mais forte na boca daqueles que tiveram fome de justiça.<sup>91</sup> O texto indica que o mais importante é ter presente que os princípios de justiça não são negociáveis e a liturgia louva a Deus pela vitória do bem sobre o mal.<sup>92</sup> Deus é louvado por fazer justiça a seus servos que pediam conta de seu sangue derramado (Ap 18,20; 19,3.6.9).<sup>93</sup>

## Conclusão

Entre os vários hinos que encontramos no livro do Apocalipse (4,8-11; 5,9-14; 7,9-12; 11,15-18; 12,10-12; 15,3-4; 16,5-7 e 19,1-8), o nosso hino de Ap 19,1-8, tem um léxico próprio, que se distingue dos demais, demarcado totalmente pela ocorrência da expressão “aleluia”, expressão hebraica, הַלְלוּ-יָהּ (*halēlū-Yah*), que foi helenizada, ἁλληλουῖά (*hallēlouia*). Ela aparece quatro vezes neste hino (19,1.3.4.6), que tem sua fonte nos louvores do Antigo Testamento,<sup>94</sup> a exemplo dos Salmos *aleluiáticos*, tanto no texto hebraico como na tradução da LXX.

Bom exemplo de texto *aleluiático* do Antigo Testamento é o Sl 150, obra lírica conclusiva de todo o Saltério, que se tornou um dos salmos mais musicados e cantados em todos os tempos.<sup>95</sup> Outro magnífico exemplo de grande louvor é o texto do “Cântico das Criaturas” dos três jovens na fornalha, de Dn 3,52-90, texto que encontramos apenas na LXX.

Fora das Sagradas Escrituras, vale a pena lembrar o belíssimo “Cântico do Irmão Sol” de Francisco de Assis. A impressão que temos é de encontrarmos-nos diante da exuberância de um solene e contagiante canto como o hino do *Te Deum*, cantado pela Igreja deste o final do séc. IV. São obras monumentais e de superlativa beleza, tanto na letra como na musicalidade, capazes de nos envolver totalmente no louvor ao Deus Criador.

<sup>90</sup> MAZZAROLO, I., O Apocalipse. Esoterismo, profecia ou resistência?, 158-159.

<sup>91</sup> POHL, A., Apocalipse de João II, p. 205.

<sup>92</sup> PRIGENT, P., O Apocalipse, p. 330.

<sup>93</sup> KUCHERLON, E. A.; DÍAZ MATEOS, M.; KRAFT, T., Apocalipsis, p. 1700.

<sup>94</sup> NUSCA, A. R., Liturgia e Apocalisse, p. 468.

<sup>95</sup> RAVASI, G., Il Libro dei Salmi, p. 997.



A comunidade primitiva bebeu da fonte veterotestamentária para louvar e bendizer a Deus pelos seus grandes feitos (*magnalia Dei*). Mais ainda, os cristãos primitivos souberam inserir a profecia na liturgia, louvando e bendizendo a Deus por ter escutado suas preces, fazendo justiça às aberrações provocadas por “Babilônia”, a “Grande Prostituta”, aquela que espalhou terror, injustiças e corrupção em meio ao povo, inclusive, “sacrificando vidas humanas (Ap 18,11-13)”.<sup>96</sup>

Como visto acima, a ocorrência do termo ἀλληλουῖά é algo que chama a nossa atenção, uma vez que em todo o Novo Testamento aparece tão somente aqui em Ap 19,1-8 e em mais nenhum outro lugar. Constitui uma expressão de louvor que comporta em si uma carga de alegria pelo fato de Deus ter agido em prol de seu povo,<sup>97</sup> com mão forte e em defesa da justiça, a exemplo do que pediam os profetas de Israel.

Assim como os textos do Antigo Testamento, especialmente dos Sl 148 e 150, aqui em Ap 19,1-8 também a palavra que vai demarcando o ritmo é o ἀλληλουῖά. Se o portal de ingresso dos Salmos (Sl 1) nos coloca diante de uma opção sapiencial vital, sobre a escolha de qual caminho trilhar, o Sl 150 nos coloca diante de um louvor esplêndido ao Criador.<sup>98</sup>

A liturgia nasce e se desenvolve dentro de um contexto que é aquele da experiência de fé de um povo com o seu Deus. É neste contexto que devemos procurar encontrar as motivações<sup>99</sup> dos louvores que a comunidade tem para entoar seus cânticos e hinos a Deus, a exemplo da comunidade de Ap 19,1-8, com seu hino *aleluiático*. Na vida concreta de cada comunidade encontramos inclusive os contrastes, como aqueles entre a “Grande Prostituta”, deixada nua (Ap 17,16), e a esposa vestida de “linho puro” (Ap 19,8).<sup>100</sup>

Toda a liturgia da Igreja é uma singular oportunidade para que possamos viver e celebrar nossa fé no Deus da vida, naquele que é capaz de ouvir e atender às nossas súplicas e louvores. Não só a *Liturgia Eucarística*, mas também outros tipos e momentos litúrgicos, como a *Liturgia das Horas*, onde encontramos parte do texto do hino *aleluiático* de Ap 19,1-8, nas II Vésperas de Domingo. Os momentos celebrativos constituem

<sup>96</sup> VANNI, U., Apocalisse, p. 117.

<sup>97</sup> WEINRICH, W. C., Apokalypsis, p. 393.

<sup>98</sup> RAVASI, G., Il Libro dei Salmi, p. 997.

<sup>99</sup> AUNE, D., Revelation 17-22, p. 1029.

<sup>100</sup> BIGUZZI, G., Apocalisse, p. 334



sempre uma singular oportunidade para assumir o *Profetismo na liturgia*, tendo diante de si a própria vida e a história do povo de Deus, como fez a comunidade da Igreja do Apocalipse, assumindo toda a tradição profética e os salmos do Antigo Testamento, cantando seus louvores e “aleluias” ao Cordeiro-Esposo.

## Referências bibliográficas

- ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C. **Salmos II (Salmos 73-150)**. São Paulo: Paulus, 1998. (Grande Comentário Bíblico).
- AUNE, D. **Revelation 17-22**. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998. (Word Biblical Commentary, 52C).
- BIGUZZI, G. **Apocalisse**. Nuova introduzione e commento. Milano: Paoline, 2005.
- CORSINI, E. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Paulinas, 1984. (Grande Comentário Bíblico).
- COTHENET, E.; DUSSAUT, L.; LE FORT, P.; PRIGENT, P. **Os escritos de São João e a Epístola aos Hebreus**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- CUADRADO, J. F. T. Stilizzazione liturgica della venuta di Cristo nell'Apocalisse. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. **Apokalypsis, Percorsi nell'Apocassie di Giovanni**. Assisi: Cittadella Editrice, 2005, p. 479-500.
- FIORENZA, E. S. **Apocalipsis. Visión de un mundo justo**. Navarra: Verbo Divino, 2010.
- KISTEMAKER, S. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. (Comentário do Novo Testamento).
- KITTEL, R. (Ed.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- KOESTER, G. R. **Revelation**. New Haven and London: Yale University Press, 2014. (The Anchor Yale Bible, 38A).
- KUCHERLON, E. A.; DÍAZ MATEOS, M.; KRAFT, T. Apocalipsis. In: FARMER, W. (Dir.). **Comentário Bíblico Internacional**. Estella: Verbo Divino, 1999, p. 1679-1709.
- LADD, G. **Apocalipse**. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011. (Série Cultura Bíblica, 20).

LITURGIA DAS HORAS SEGUNDO O RITO ROMANO. Vol. IV. Tempo Comum 18<sup>a</sup> – 34<sup>a</sup> Semana. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAZZAROLO, I. **O Apocalipse. Esoterismo, profecia ou resistência?** Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2010.

MEYNET, R. La Dossologia dell'Alleluia (Ap 19,1-8). In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. **Apokalypsis, Percorsi nell'Apocassie di Giovanni**. Assisi: Cittadella Editrice, 2005, p. 585-596.

MILLOS, S. P. **Apocalipsis**. Barcelona: CLIE, 2010. (Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento).

MOUNCE, R. H. **Apocalisse**. Introduzione e Commento. Chieti: GBU, 2013.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

NOVA VULGATA. Bibliorum Sacrorum Editio. Editio Typica Altera. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1998.

NUSCA, A. R. Liturgia e Apocalisse. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. **Apokalypsis, Percorsi nell'Apocassie di Giovanni**. Assisi: Cittadella Editrice, 2005, p. 459-478.

OSBORNE, G. **Apocalipse**. São Paulo: Vida Nova, 2014. (Comentário Exegético).

PIKAZA IBARRONDO, X. **Apocalipsis**. Navarra: Verbo Divino, 1999. vol. 17.

POHL, A. **Apocalipse de João II**. Curitiba: Esperança, 1993.

PORTIER-YOUNG, A. E. **Apocalipsis. Contra Imperio**. Navarra: Verbo Divino, 2016.

PRIGENT, P. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Bíblica Loyola, 8).

RAHLFS, A. **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

RAVASI, G. **Il Libro dei Salmi**. Bologna: EDB, 1997. vol. III: 101-150. (Commento e attualizzazione).

SCHICK, E. **O Apocalipse**. Petrópolis: Vozes, 1980. (Coleção Novo Testamento, 23).

SCHLIER, H. ἀλληλουιά. In: KITTEL G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1965, p. 707-708. vol. I.



WEINRICH, W. C. **Apokalypsis**. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia. Madrid: Ciudad Nueva, 2010. (Nuevo Testamento, 12).

WESTERMANN, C. **Isaia. Capitoli 40-66**. Brescia: Paideia, 1978.

VANNI, U. **La struttura letteraria dell'Apocalisse**. Brescia: Paideia, 1980.

VANNI, U. **L'Apocalisse, ermeneutica, esegesi, teologia**. Bologna: EDB, 1997.

VANNI, U. **Apocalisse**. Brescia: Queriniana, 1998.

***Waldecir Gonzaga***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma

Docente de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: waldecir@puc-rio.com.br

Recebido em: 24/06/18

Aprovado em: 16/08/18